

**UNIVERSIDADE DE SÓFIA
SVETI KLIMENT OHRIDSKI
Faculdade de Filologias Clássicas e Modernas
Departamento de Estudos Ibero-Americanos
Filologia Portuguesa
Licenciatura em Filologia Portuguesa**

Programa

**Singularidade e “Abysmo”: A Obsessão com o Corpo na Cultura Portuguesa
Contemporânea**

**Docente:
Francisco Nazareth
(franaza@gmail.com)
(tel: 0884 860 246)**

**Ano Lectivo: 2013/2014
1º Semestre**

Preâmbulo e Caracterização

Diz o escritor angolano José Eduardo Agualusa que o poeta e filósofo português Teixeira de Pascoas “grafava” a palavra abismo com um Y para salientar a dimensão de queda, perda e clausura que ela enfatizava. Partindo deste mote – ou, se se quiser, desta constatação – pretende-se fazer uma ronda pelas atmosferas culturais do Portugal contemporâneo, tendo como ponto de partida um referencial fenomenológico, arqueológico, desconstrutivo – e constituído por redes de significação – do corpo enquanto circunstância, que é aquele que nos interessa.

Partindo da reflexão filosófica sobre a referida corporeidade, que é feita pelos pensadores Eduardo Lourenço e (em particular) José Gil, é para o estatuto semi-amordaçado, quase confinado (em abismo) e absolutamente necessitado de formas de expressão que transparece das várias paisagens culturais portuguesas contemporâneas que remeteremos. Nesse sentido, teremos em conta a fragmentação da identidade e o silêncio confinado do neo-urbanismo “suburbano” nas obras de Jorge Molder e Nuno Cera (no plano fotográfico), o estatuto do feminino amordaçado e da mulher fragilizada e prisioneira de espaços nas obras de Paula Rego e Julião Sarmento (no plano das artes plásticas), a afirmação estética corporal e política de um corpo absolutamente necessitado de explosão nos trabalhos de Olga Roriz e Vera Mantero (no plano da dança contemporânea), a revolta contra a normalização comportamental pela “sociedade da vigilância” que surge no novo “hip-hop” português e até lusófono (no plano musical), os domínios codificados pelo “império do efêmero” que são parodiados por alguns estilistas portugueses (no plano da moda), a privatização do corpo em certas paisagens arquitectónicas portuguesas e, ainda, o fim da idealização e a abertura “artaudiana” para o desconhecido que é elaborada por alguns projectos do novo teatro português.

Público Alvo

Os alunos que frequentam as cadeiras opcionais fornecidas pelo Leitor, no quadro de um leque vasto chamado “Semiótica da Cultura Portuguesa”, são alunos frequentadores dos 2º, 3º e 4º anos da “Licenciatura em Filologia Portuguesa” variando os seus níveis entre o B1 e o C1 (com alguns casos extremos no A2 ou no C2). Dada esta diversidade – e também a própria diversidade sócio-cultural dos alunos (nem todos são de Sónia, nem todos vêm de espaços, digamos assim, “letrados”, idiossincrasias de um país balcânico, pós-comunista e onde a classe média é praticamente inexistente) – a consequente adaptação dos programas ao universo das turmas varia conforme as características de cada grupo.

Objectivos

- Desenvolver competências interculturais que se manifestem a nível oral e escrito.
- Identificar as características específicas de algumas manifestações culturais portuguesas situadas na contemporaneidade.

- Desenvolver capacidades de elaboração linguística em contexto de inserção cultural.
- Reconhecer os caracteres distintivos da contemporaneidade portuguesa no seu contexto internacional e europeu.
- Praticar diferentes registos reflexivos num clima de interconexão cultural.
- Consolidar aprendizagens de cariz teórico, nas quais se integrem referências do mundo cultural português.
- Aplicar, de modo transversal, conteúdos provenientes do domínio sócio-cultural dos alunos.
- Desdobrar e aperfeiçoar competências comunicativas de cariz sócio-cultural.
- Fornecer dados axiológicos, estéticos e cognitivos que facilitem uma concepção actual, dinâmica e arejada da cultura portuguesa.
- Incentivar a construção pessoal de quadros de referência adaptativa, em termos de cultura portuguesa, que funcione como uma verdadeira ponte “habitável”: uma casa “linguística” e “cultural” situada numa “encruzilhada”.

Metodologia

Tendo em conta os aspectos práticos da língua, que são trabalhados a nível de outras disciplinas, para além da submissão dos alunos a aulas de ditado, correcção ortográfica, tradução e conversação, o presente programa pretende ser uma abertura a domínios não abrangidos por outras disciplinas e dos quais os alunos carecem, uma vez que se pretende apresentar uma visão aberta, fluida, internacional e inovadora da Cultura Portuguesa, afastando-a do domínio clássico mais óbvio, mais estereotipado (mais “típico”) e mais tradicional, que é trabalhado – em processo historiográfico linear – a nível de outras disciplinas. O programa de Cultura Portuguesa pretende, nesse sentido, assegurar um prosseguimento coerente ao projecto do Leitor de acentuar a dimensão do “presente” idiossincrático da cultura e da língua portuguesas nas suas diversas nuances, variedades, riquezas e paradoxos. Assim, o professor actua sobretudo como mobilizador e veículo de referências em relação às quais se trata de construir pontes para a Cultura Portuguesa de modo a relativizar o “currículo oculto” de um certo tradicionalismo convencional e dirigista que pode surgir a nível de outras referencialidades “canonizadas”. Nesse sentido, as referências da Cultura Portuguesa são apresentadas em consonância com os seus paralelos internacionais, de modo a dar-lhes um estatuto de parceria. Desta forma, a aula dialogada, na qual o professor intervém como mobilizador de referências dos alunos – colmatando-as com as suas - dá depois lugar à exposição de dados provenientes da Cultura Portuguesa, que são integrados de modo a facilitar a interculturalidade. A mobilização e a aula dialogada dão então lugar à realização de trabalhos escritos e de apresentações orais por parte dos alunos em regime de trabalho de laboratório (no qual se pretende que a mobilização de dados sobre criadores portugueses contemporâneos – que existe em grande quantidade na rede electrónica – se efective). Este tipo de trabalho deve solicitar muitas vezes a relação entre os aspectos da Cultura Portuguesa, aos quais os alunos chegam agora, e os de outras culturas aos quais terão porventura já chegado antes.

Avaliação

- Avaliação formativa contínua (50%):

- assiduidade: regularidade e interesse na presença em aula;
- participação activa – também por iniciativa própria - nas dinâmicas de grupo inerentes ao trabalho de aula: sentido democrático da diversidade e respeito pela cidadania interactiva do grupo-turma;
- pesquisas sobre conteúdos do programa disponíveis na biblioteca da Universidade e na rede electrónica;
- recensões críticas sobre esses materiais a serem apresentadas em aula, em regime laboratorial;
- construção autónoma de redes de significação dominantes, mediante a busca de linhas de força comuns.
- Avaliação sumativa (50%):
- EXAME FINAL DE CONSULTA¹ – Mediante a apresentação de um dos desdobramentos temáticos debatido nas aulas em função das recolhas laboratoriais dos alunos e dos materiais bibliográficos existentes, os alunos realizarão - IN LOCO – uma reflexão pessoal e autónoma, bem como fundamentada e rigorosa, que será entregue ao professor e na qual poderão consultar materiais que tenham recolhido e que existam na Biblioteca (25%);
- DEFESA ORAL – Com base naquilo que escreverem (afirmações que serão suas e pelas quais serão responsáveis), os alunos serão interpelados pelo professor de modo a poderem responder cabalmente perante o que registaram, assumindo a sua autonomia de raciocínio e justificando as suas perspectivas, bem como esclarecendo o professor sobre as mesmas que são, obviamente, possíveis desde que fundamentadas (25%).

Conteúdos

1 – “Abysmos”, “Singularidades”, “Confinamentos” e “Saudade”: a problemática das identidades na cultura portuguesa, de Teixeira de Pascoaes a Eduardo Lourenço.

2 – Identidade, Corpo, Espaço e Poder: a “radicalidade” do “significante flutuante”, ou a “inscrição” do corpo como referencia em José Gil.

3 – “Metamorfoses” do Corpo:

- a) – pequena história da corporeidade no Ocidente;
- b) – produção social e “arqueológica” do corpo;
- c) – a desconstrução das mitologias da “Idade Clássica”;

¹ A detecção de plágio nos exames de consulta dará direito a reprovação sem possibilidade de recurso. Os trabalhos escritos pretendem incentivar a criatividade dos alunos, a reflexão autónoma e a expressão pessoal na “língua-alvo”. Além de uma falta de respeito para com o trabalho do professor, o plágio é – sobretudo – um desrespeito para com os colegas que desenvolvem um trabalho sério, criativo, pensado e autónomo. Sendo uma reprodução acéfala de conteúdos, o plágio é também uma prova de má formação intelectual e ética e nada acrescenta interiormente a quem o faz. Se o professor quiser ler o que está escrito em outros textos (sobretudo os que circulam na rede electrónica), pode fazê-lo por si mesmo.

d) – o corpo da nossa “metamorfose” em “flutuação”.

4 – Do “Abysmo” à Radicalidade Artística e Cultural: entre a “fenomenologia” e o “rizoma” instala-se a “vertigem”.

5 – “Estilhaços e Silêncio”: da identidade fragmentada na fotografia de Jorge Molder, ao silêncio confinado dos “subúrbios” no “Cimêncio” de Nuno Cera.

6 – “Mordaças” e “Abandono”: a fragilidade tensa do feminino na pintura de Juliao Sarmiento e o repúdio da circunscrição imposta na obra de Paula Rego.

7 – Explosão e Poder: a singularidade que “fala” nas coreografias de Olga Roriz e a afirmação radical do corpo político na obra de Vera Mantero.

8 – Vozes da Dissidência: ressonâncias “anti-normalizantes” no novo “hip-hop” português e lusófono.

9 – Paródia e Implosão de Códigos: o efeito “Moda Lisboa”.

10 – “Aprendendo com Las Vegas”²? O processo “cada vez mais casas, cada vez menos gente”³ no movimento de clausura arquitectónica portuguesa.

11 – Da “Mensagem” ao “Grito” Artaudiano: “performance”, “não-linearidade” e “jogo” de diluições nos novos projectos teatrais portugueses.

12 – (In)Conclusão: para que não nos afogemos na “espuma dos dias” (construção – a ser permanentemente actualizada – de uma “cibergrafia” sobre temas de Cultura Portuguesa Contemporânea a ser elaborada em conjunto com os alunos).

Horário – duas (2) horas por semana

Bibliografia Básica de Apoio (por ordem de relevância temática):

Melo, Alexandre (Org.), Arte e Artistas em Portugal (Lisboa: Instituto Camões, 2007).

Eduardo Lourenço, Heterodoxia (Lisboa: Assírio & Alvim, 1987).

Eduardo Lourenço, O Labirinto da Saudade (Lisboa: Dom Quixote, 1992).

Miguel Real, Portugal, Ser e Representação (Lisboa: Difel, 1998).

José Gil, Corpo, Espaço e Poder (Lisboa: Litoral, 1983).

José Gil, Metamorfoses do Corpo (Lisboa: Relógio D’Água, 1981).

Michel Foucault, Microfísica do Poder (Rio de Janeiro: Graal, 1979).

Maurice Merleau-Ponty, Fenomenologia da Percepção (Rio de Janeiro: Livraria Bastos, 1971).

Gilles Deleuze, O Anti-Édipo (Lisboa: Assírio & Alvim, 1995).

Eduardo Prado Coelho, Os Universos da Crítica (Lisboa: Edições 70, 1987).

Michel Foucault, A Arqueologia do Saber (Rio de Janeiro: Forense, 2000).

² Título de um livro que aparece na bibliografia mas não está traduzido em português.

³ Manifesto de Manuel Graça Dias, Teatro São Luiz, Lisboa, 27 de Maio de 2008.

Thomas Kuhn, A Estrutura das Revoluções Científicas (São Paulo: Perspectiva, 1970).

Paul Virilio, Esthétique de La Disparition (Paris: Galilée, 1989).

Jean Baudrillard, Simulacros e Simulação (Lisboa: Relógio d'Água, 1991).

Nathalie Crohn Schmitt, Actors and Onlookers (Chicago: NUP, 1990).

Nuno Cera & Diogo Lopes, Cimêncio

<http://www.nunocera.com>

Venturi, Robert, Denise Scott Brown & Steven Izenour, Learning From Las Vegas: The Forgotten Symbolism of Architectural Form (Cambridge MA: MIT Press, 1977).

Davis, Mike, City of Quartz: Excavating The Future in Los Angeles (N.Y.: Random House, 1992).

Cibergrafia

www.virose.pt

www.interact.com.pt

www.lxxl.pt

www.ruibebiano.net/zonanon

www.revistaobscena.com

www.periferica.org

www.atmosferas.net

www.anamnese.pt

www.meloteca.com

www.bocc.ubi.pt

www.storm-magazine.com

www.artecapital.net

www.umbigomagazine.com

A inserção do corpo como questão central das temáticas culturais implicará ainda a mobilização permanente de outras “cibergrafias” (o livro de Nuno Cera e Diogo Lopes está disponível na íntegra em rede e, por isso, aparece com o estatuto bibliográfico) – a consultar pelos alunos – que constituirão parte do trabalho de avaliação permanente do próprio curso. Serão também utilizados os materiais do “Curso de Cultura Portuguesa” que o Leitor frequentou através da plataforma de ensino à distancia do Camões ILC.

Sófia, Setembro de 2013